

À PAISANA – Flagrante de Bellatin em São Paulo, onde realizou um laboratório de escritura coletiva



PERFIL

# Um mutante Pataca em Paraty

Juliana Krapp

Mario Bellatin não é um sujeito que passe despercebido. Pode estar no mais caótico dos lugares – como o *Sujinho*, botequim de São Paulo – ou na mais protocolar das cerimônias – um congresso de escritores em Paris. Não importa: sua presença é marcante, iludível. Na mesma medida é marcante e iludível sua literatura, toda ela embalada em livrinhos curtos, que não costumam ultrapassar as 100 páginas, e que em geral esparramam-se mundo afora por editoras pequenas, como as da rede latino-americana *cartavento* ou a portenha Interzona, até que ganham os catálogos das gigantes, como a Alfaguara e a Tusquets.

Mexicano, filho de pais peruanos, 49 anos e mais de 15 novelas publicadas, Bellatin é um mutante. Faz questão de se-lo. Costuma aparecer todo de preto, careca relescente; ou então usando uma espécie de bata comprida, que muita gente crê um vestido ou uma in-

dumentária misteriosa de monge. Na falta do antebraço direito, de formação de nascença, intercala próteses artísticas. Um dia, carrega um gancho; no outro, tem na extremidade uma espécie de flor metálica. Está envolvido, junto com o artista plástico Aldo Chaparro, no projeto de fazer próteses “mais funcionais”, que tenham acopladas a si um celular, um *i-pod* ou uma navalha suíça, num entusiasmo que o acomete desde que despachou seu antigo antebraço de carbono – peça que o acompanhava anos a fio – no Rio Ganges, na Índia, e o viu ir embora boiando ao lado de outros cadáveres do rito fúnebre (embora às vezes ele assegure que o perdeu, na verdade, após enfrentar uma tsunami nas Filipinas).

É mutante também porque cria esses universos cerrados e estranhos, regidos por leis próprias, onde o ar parece tão rarefeito; onde os personagens, não raro, são mutantes como ele, e onde exerce sua sina assumida de buscar a maior proximidade possível com o silêncio e a

ausência. “Soy Mario Bellatin y odio narrar”, diz, em um de seus arroubos mais famosos, no depoimento *Un-deswood portátil modelo 1915*.

Sem nhenhém

No Brasil, Bellatin demorou a chegar. *Salão de beleza*, uma de suas novelas mais elogiadas, foi publicada em 2007 pela pequena Leitura XXI, uma editora de Porto Alegre. Passou quase em branco. Menos em branco, porém, foi sua vinda no mesmo ano à Balada Literária – o festival que acontece anualmente em São Paulo – e o Laboratório de Escritura Coletiva que ofereceu no Centro Cultural B. arco, também na capital paulista, no início de 2008, ao lado de Maria Alzira Brum.

– Ao debater com ele, me sentia de frente ao próprio Roberto Bolaño – conta Marcelino Freire, organizador da Balada. – Ele é pura contidência. Não tem nada de frígido, nada de nhenhém, nada de entrega parcial.

Desde então, Bellatin vive um ferte com o Brasil. Escreveu *Las*

Grande atração da Flip, o mexicano Mario Bellatin explora o diálogo entre biografia e obra em títulos como ‘Flores’, que será lançado em julho durante a festa literária

*fantasmas del masajista*, que integra a coletânea de contos baseados no cancionero de Chico Buarque, organizada por Ronaldo Bressano e prevista para vir a lume no fim do ano, pela Companhia das Letras. A história assinada pelo mexicano se passa na Vila Madalena, onde uma famosa cantora se vê obrigada a interromper a carreira depois que inclui *Construção* em seu repertório. A música a leva a um estado no qual é impossível cantar mais.

Fã de Chico Buarque desde a adolescência, Bellatin deve esbarrar com o ídolo em julho, na 7ª Festa Literária Internacional de Paraty, onde ambos são algumas das principais atrações. Bellatin lança na cidade histórica seu livro *Flores*, editado pela CosacNaify, e divide uma mesa com Cristóvão Tezza, com mediação de Joca Reiners Terron. Vão falar sobre o caráter auto-biográfico refletido (mesmo que de forma enviesada) em suas obras.

*Flores*, que venceu em 2001 o

prêmio Xavier Villaurrutia, do México, é um livro fragmentado, no qual os pequenos capítulos têm nomes como “Rosa”, “Trevo”, “Lírio”, e compõem, juntos, uma estranha mandala. Os personagens são vítimas de deformações congênitas, ocasionadas pelo uso de um medicamento – o que remete o leitor imediatamente à biografia do próprio Bellatin, que, acredita-se, foi vítima da Talidomida, remédio que provocou má-formações em fetos nos anos 50 e 60.

Porém, seja a história da Talidomida, a do braço mecânico perdido ou tantas outras, não se sabe o que é verdade na trajetória de Bellatin. Num eterno jogo que explora o diálogo entre biografia e obra, o mexicano ludibria seu leitor-espectador, enquanto assegura: isso não é uma brincadeira.

– É como se ele mesmo fosse uma outra dimensão de sua ficção – explica Terron, leitor antigo e voraz do mexicano.

CAPA

## “É proibido escrever”, incentiva o escritor

Convidado pelo governo francês a organizar um congresso de escritores mexicanos em Paris, Mario Bellatin fez uma de suas travessuras mais famosas. Ao grupo de acadêmicos europeus que esperava a nata da narrativa mexicana, surpreendeu que Sergio Pitol fosse uma senhora de vestido, e que José Agustín parecesse tão jovem. A farsa não tardou a ser revelada: em vez de escritores autênticos, Bellatin havia levado dublês, gente que passou seis meses em convívio com os autores originais, decorando seus projetos literários e suas opiniões, para apresentá-los *ipsis litteris* à plateia estupefata.

Ante a revolta dos acadêmicos, Bellatin não se conformou: se estavam diante das ideias legítimas dos autores, por que se incomodar com

mutação pela qual passa Jacobo, um rabino heterodoxo. Em outra novela, *Shiké Nagasaki: una nariz de ficción*, o protagonista é um escritor conhecido menos por sua obra do que por seu nariz descomunal.

Escola Dinâmica

Questionar o conceito de autorialidade é uma das atividades prediletas de Bellatin, empenhado diariamente num quebra-quebra de estereótipos. Não à toa é o criador e diretor da Escola Dinâmica de Escritores, no México, cuja premissa básica é o polêmico conceito “É proibido escrever”. Em suas instalações, “30 pessoas passam dois anos vivendo 52 experiências”, costumava dizer o mexicano, para que se desfaça “aquilo que conhecemos como literatura e se forme um



Divulgação

### » Trecho de *Salão de beleza*

Há alguns anos, o interesse pelos aquários me levou a decorar meu salão de beleza com peixes de cores variadas. Agora que o salão se tornou um Morredêiro, um lugar onde aqueles que não têm para onde ir vão terminar seus dias, me causa muita tristeza ver como os peixes vão desaparecendo pouco a pouco. Talvez porque a água corrente esteja chegando muito carregada de cloro, ou porque eu não tenho tempo suficiente para dar a eles os cuidados que merecem. Comecei criando Guppies Reais. Na loja

me garantiram que eram os peixes mais resistentes e, por isso mesmo, os mais fáceis de criar. Em outras palavras, os peixes ideais para um principiante. Tem, além disso, a particularidade de se reproduzir rapidamente. Os Guppies Reais não são ovíparos, por isso dispensam o motor de oxigênio para manter os ovos no aquário. Da primeira vez que me dediquei ao meu novo passatempo, não tive muita sorte. Comprei um aquário de tamanho médio e coloquei dentro uma fêmea prenhe, outra ainda virgem

e um macho com uma enorme cauda colorida. No dia seguinte o macho amanheceu morto. Estava caído de costas, entre as pedras de várias cores com que recobri o fundo do aquário. Na hora, peguei a luva de borracha que usava para tingir o cabelo das clientes e retirei o peixe morto. (...) Meus colegas nunca concordaram com o meu entusiasmo pelos peixes. Afirmavam que eles traziam má sorte. Não dei a mínima para o que diziam e, com o tempo, fui comprando novos aquários, assim

como os utensílios necessários para ter tudo em condições. Consegui pequenos motores para o oxigênio, que simulavam baús de tesouro esquecidos no fundo do mar. Também achei outros com forma de homens-rã de cujos tanques saíam borbulhas continuamente. Quando enfim alcancei certa destreza com outros Guppies Reais que fui comprando, me aventurei com peixes de criação mais difícil. As Carpas Douradas me chamavam muito a atenção. Acho que foi na mesma loja que fiquei sabendo

que, em certas culturas, a simples contemplação das Carpas era um verdadeiro prazer. A mesma coisa começou a acontecer comigo. Podia passar várias horas seguidas admirando os reflexos que as escamas e as caudas emitiam. Alguém me confundiu depois que esse tipo de passatempo era uma diversão estrangeira.

Salão de beleza

Mario Bellatin.  
Tradução: Maria Alzira Brum Lemos.  
Leitura XXI.  
80 páginas. R\$ 17,80

Em um texto divulgado na internet, ele justifica a atitude: “Creio que se trata de uma reapropriação... Assim como os críticos se sentiram com o direito de escrever sobre os meus livros, recuperei as palavras que meus livros geraram. A proposta perde validade? Isso me faz recordar o asco que nos causa um pelo solto e o prazer de uma cabeleira sedosa”.

Meses antes, fez com que uma diretora teatral encenasse um texto de Samuel Beckett, que era na verdade dele próprio. Da mesma forma, em seu livro *Jacobo el mutante*, o protagonista é um estuioso da obra do escritor austríaco Joseph Roth. Acontece que Bellatin parte de um romance inexistente de Roth, *La Fiviera*, para descrever a estranha

micro-romance coletivo *Laramingo*, publicado pela editora Denônio Negro. – Ele faz uma enorme desconstrução, e desconstrói a própria noção de seminário. Tudo parece um pouco caótico.

– Mas ele é seríssimo – garante a professora e escritora Luciana Pennab, que também participou do laboratório. – Prega peças o tempo todo, na literatura e na vida, porém não o faz por brincadeira. Sério e performático. Bellatin, ele próprio uma ficção, lança mão de muitos recursos para construir sua poética – num esforço vigoroso por anular qualquer tipo de excesso. Muitas vezes, ele define seu trabalho como “uma busca constante de escrever sem escrever”, omissões, deixando mais os vazios e as

“Eu pretena que o espanhol fosse um idioma mais compacto”, disse Bellatin à revista espanhola *Quéran*, acrescentando: “Eu cuido para que a língua quase não exista, para que seja só um veículo o mais plano e o mais transparente possível”.

Na busca pela transparência da linguagem, muitas vezes substitui as palavras pelas imagens – em alguns de seus livros há, em um movimento parecido ao do alemão W.G. Sebald, a presença de documentos, registros de alguma forma imagéticos. Na prática, ele não larga sua velha câmera, ainda de filme (em suas estadas em São Paulo, fez ensaios noturnos).

– O texto literário, a fotografia, a performance e a Escola Dinâmica de Escritores são *fratals* de um processo

Escola Dinâmica.  
– As obras que li de Bellatin me mostraram um escritor menos preocupado em contar uma história que em emocionar o leitor do que em revelar as estruturas por trás da ficção, e dessa forma, ele desestrutura também a realidade. O romance *Lecciones para una liebre muerta*, por exemplo, praticamente monta uma engenhoca de manufatura de narrativas, e dessa máquina amalucada sai uma chuva de histórias misturando artistas plásticos e escritores com personagens recorrentes na literatura, como o Golem. Bellatin, assim como o catalão Enrique Vila-Matas, é um desses escritores que vivem da tensão entre o real e o ficcional – conta o escritor Antônio Xerxesky, outro fã brasileiro.

no Paraguai, e depois, supostamente, não retornou mais ao México. O escritor peruano Iván Thays chegou a especular em seu blog: “Foi visto nadando com tartarugas na Costa Rica, tirando fotos com sua câmera Diana no Chaco, navegando no Ganges atrás de um barco fúnebre, assistindo à primeira temporada de *In treatment no left nova-iórquino* de seu amigo fotógrafo famoso”. Há quem diga ainda que ele já está no Brasil, perto de Paraty, ou que está treinando o dublê que o irá representar na Flip. A única coisa confirmada é que Bellatin escreve, no momento, a biografia da Frida Kahlo. Mas não a pintora: trata-se de uma cozinheira que vive na Cidade do México e que é a cara da artista. (Juliana Krapp)